



Vencida a batalha da superterça, Sarney não consegue esconder o sorriso, faz elogios aos que torceram por ele, mesmo estando longe, e comemora com a família

# 344, número de sorte para Sarney

Tensão e muita alegria no dia em que o presidente encontrou a vitória

## AUGUSTO NUNES

Às 18h10 da tensa superterça brasileira, o presidente José Sarney tentava concentrar-se no que lhe dizia o presidente da IKK, fábrica de zíperes japonesa com filial em Sorocaba (SP), quando o ministro das Relações Exteriores, Roberto Costa de Abreu Sodré, abriu a porta do gabinete, colocou a cabeça para dentro e, risonho, anunciou: — 344.

Um largo sorriso no rosto, Sarney virou-se para o visitante e avisou:

— O senhor chegou na hora.

Favorecido pelas trapaças da sorte — a audiência com Sarney fora marcada há muitas semanas —, o presidente da IKK e os cinco assessores que o acompanhavam acabaram transformados em testemunhas do começo da festa no Palácio do Planalto. Instalado na sala de Vera Sabará, assessora de Sarney, Sodré acompanhara pela televisão a votação do sistema de governo na Constituinte. E fora o primeiro a transmitir ao amigo a grande notícia.

Despachados os japoneses, Sarney dirigiu-se a seu gabinete privado e ligou para sua mãe, dona Kiola, em São Luiz do Maranhão. De volta à mesa de trabalho, encontrou na linha sua mulher, Marli. A voz emocionada do presidente repetiu o número cabalístico: 344. Marli passou-lhe os resultados completos da votação. Terminada a conversa, começaram a entrar no gabinete, todos eufóricos, alguns ativos participantes da guerra da superterça.

— Vocês foram uns baluartes, uns gigantes! — afagava Sarney. Assim foram recebidos a secretária Vera Sabará, os ministros Aluísio Alves, Ronaldo Costa Couto, Vicente Fialho e José Hugo Castello Branco. Alguns aliados receberam carinhos especiais. O ministro Antônio Carlos Magalhães, por exemplo, foi homenageado com um telefonema de Sarney à sua mulher, dona Arlete, que estava em Salvador.

— Antonio Carlos foi um tigre — disse-lhe o presidente.

Ao abraçar Paloma Amado, filha do escritor Jorge Amado e assessora do Planalto — onde se tem encarregado de ordenar num terminal de computador as tendências da Constituinte —, Sarney pareceu especialmente comovido:

— Sei que você trabalhou a noite toda.

Minutos depois, o presidente fez questão de ligar para Paris, onde estão Jorge Amado e sua mulher, Zélia Gattai.

— Ganhamos, Jorge, e sua filha foi um baluarte — insistiu Sarney.

Minutos depois, a mesa telefônica do Planalto virtualmente sucumbiu ao peso das vozes de dezenas de aliados — ministros, governadores, deputados — que disputa-

vam a chance de cumprimentar o grande vitorioso da histórica disputa na Constituinte.

## Nomes surpreendentes

Sarney começou a pressentir a aproximação do triunfo depois do almoço no Palácio da Alvorada, onde dividiu com a família uma peixinha branca com arroz, um prato típico do Maranhão. De volta ao Planalto, reuniu-se com assessores para mais um balanço da situação na Constituinte. Pouco depois, ao receber o locutor Luciano do Valle — e enquanto parlamentaristas e presidencialistas se debruçavam sobre extensas relações de nomes —, Sarney saudou o visitante com uma lista curta e surpreendente:

— Jurandir, Domingos e Nilton; Biguá, Bria e Jaime.

Luciano do Valle pareceu não entender o que ouvia.

— Que time é esse? — perguntou Sarney. Sempre diante do silêncio espantado do visitante — e sempre risonho —, o presidente contou-lhe que assim começava a escalada do grande time do Flamengo que se sagrou tricampeão carioca em 1942, 1943 e 1944.

Aquela altura, José Sarney já se mostrava francamente alegre — um estado de ânimo muito diferente do exibido na noite do dia anterior, quando se preparava para recolher-se ao quarto e começar a viver as incertezas da superterça:

— Tu não dormirás jamais, tu não dormirás jamais — declamou Sarney, no final da noite, para um de seus mais próximos assessores. Eram versos emprestados do drama Medéia, de Eurípedes. O declamador, contudo, conseguiu dormir — perto da meia-noite. Acordou às 4h30, banhou-se, leu alguns parágrafos da *New York Review of Books*, trechos do diário do revolucionário venezuelano Francisco de Miranda, um ensaio sobre Carlos Drummond de Andrade e um artigo do mexicano Octavio Paz. Às 6h40, partiu para uma caminhada de 3,5 quilômetros em companhia do coronel-médico Messias de Araújo. Em seguida, fez meia hora de ginástica e enfiou-se por alguns minutos na sauna do Alvorada.

Às 7h45, à mesa do café da manhã, fez um primeiro balanço do quadro na Constituinte em companhia do ministro Ronaldo Costa Couto e do assessor Henrique Hargreaves. Os prognósticos foram otimistas. Em seguida, juntaram-se ao pequeno grupo os três filhos do presidente — Fernando, Roseana e José Sarney Filho —, as duas noras, sete netos e sua mulher, Marli. "Em dias de muita tensão, o presi-

dente gosta de ter a família a seu lado", diz um assessor do Planalto. "É uma espécie de escudo afetivo."

## Orações

Antes de rumar para o Planalto, Sarney rezou diante de um oratório em honra de São José — uma centenária relíquia familiar —, tateou o salmo 90 e o Agnus Dei dos quais não se separa e os colocou num dos bolsos. Chegou ao palácio às 8h30, e fez uma nova avaliação

De volta do almoço no Alvorada, Sarney saboreou boas notícias vindas do Congresso. O governador de Fernando de Noronha, Fernando César Mesquita, que se abalara de sua ilha para ajudar o amigo em Brasília, garantiu pelo telefone que os líderes parlamentaristas estavam sintomaticamente cabibalsos. Acantonado na sala de Vera Sabará, também o chanceler Abreu Sodré oferecia, em pinceladas regulares, um quadro cor-de-rosa.

Visivelmente aliviado, Sarney dedicou algum tempo ao exame de

nha a empolgação, sitiado por homens e mulheres que, à falta de provisões mais adequadas a celebrações do gênero, sorriam goles de suco de laranja-pera, de laranja-lima e de melão.

— Foi um trabalho de equipe, um trabalho de perseverança — disse Sarney mais de uma vez aos sorrisos que o rodeavam.

Em meio a sucessivas salvas de palmas, pousou nas mãos do presidente a relação dos constituintes que haviam votado sim e dos que haviam votado não ao sistema de governo vigente no País. Sarney passou os olhos pela lista sem comentários, e sob o silêncio geral.

Alguns presentes traíam expressões de espanto diante de votos inesperados quando chegou ao epicentro da festa o consultor-geral da República, Saulo Ramos. Saulo contou que chegava da cerimônia de posse da nova diretoria da Associação dos Magistrados Brasileiros, no Tribunal de Justiça do Distrito Federal, e que também ali o resultado da votação na Constituinte fora recebido com entusiasmo.

— Houve gritos e urras — relatou Saulo Ramos. Os magistrados presentes à cerimônia lhe haviam oferecido muitos cumprimentos e uma pergunta: como ficaria a questão do mandato de Sarney?

Saulo replicara com uma frase de efeito:

— Essa é uma questão menor. As instituições estão salvas.

Enquanto engrossava a festa no gabinete presidencial, os circuitos telefônicos do Palácio do Planalto ficaram congestionados — mensagens entusiasmadas chegavam de diferentes pontos do País. A ajudância de ordens mobilizou as funcionárias do 3º andar para a missão de anotar o conteúdo das mensagens, registrar o endereço dos seus autores e tratar das respostas. Muitas vezes atribuíram o triunfo de Sarney a uma coincidência especialmente feliz para um católico praticante: a votação ocorreu no dia de São José. Ao saber disso, Sarney mostrou-se particularmente comovido.

Além da intervenção de São José, festejou-se também, no local das comemorações, o trabalho de persuasão desenvolvido na véspera pela filha do presidente, Roseana. Ela teria conseguido corrigir, à última hora, a aparente vocação parlamentarista dos deputados Jofram Frejat e Waldir Campelo, da bancada do Distrito Federal, e do deputado maranhense Jaime Santana, um velho amigo da família que às vezes se desgarrava dos companheiros de caminho.

Ao deixar o Planalto precisamente às 19h57, Sarney estava emocionadíssimo. Ele seguiu para o Alvorada a bordo do Landau da Presidência, escoltado por três oficiais que lhe servem de ajudantes-de-ordem e pelo irmão Ronaldo. No

Palácio já o aguardavam o governador Alvaro Dias e sua mulher. Um dos ajudantes-de-ordem providenciou a instalação de um aparelho de TV na sala da biblioteca, para que todos pudessem acompanhar a votação da duração do mandato dos próximos presidentes.

O primeiro a acalmar Sarney no Alvorada, pelo telefone, foi o deputado Carlos Santana. Poucos minutos depois, chegavam para um drinque o deputado José Sarney Filho, o ministro Antonio Carlos Magalhães, os senadores Alvaro Pacheco, Alexandre Costa, Edson Lobão e Lourival Batista, o consultor Saulo Ramos e os assessores Virgílio Costa e Joaquim Campelo. A essa altura, estava evidente que o jantar para o casal Alvaro Dias — camarão com catupiry, carne assada com vagem à francesa, omelete de queijo e pera em calda na sobremesa, tudo regado a vinho nacional — já se transformara numa ficção arquivada na agenda presidencial.

O resultado da votação da duração do mandato provocou novas manifestações de entusiasmo — todos os presentes pareceram comovidos, naquele momento, quando encontraram o mesmo inquilino no Palácio da Alvorada até março de 1990.

Empolgados, os vitoriosos permitiram até mesmo alguns espasmos de generosidade. O deputado Jaime Santana, por exemplo, que votara a favor de um mandato de quatro anos — depois de ter auferido pontos junto a Sarney por sua conversão súbita ao presidencialismo — foi recebido com as efusões reservadas aos aliados impenitentes. De Ulysses Guimarães falou-se mal aos sussurros. Dos senadores Fernando Henrique Cardoso e Mário Covas, falava-se mal aos berros.

Os amigos seguiam telefonando. O empresário Roberto Maranhão, por exemplo, limitou-se aos cumprimentos. Outro empresário, Mathias Machline, velho amigo de Sarney, ficou alguns minutos agarrado ao fio. Absorvido pelo clima festivo, o presidente evitou discutir sobre as medidas econômicas que prometera decretar no day after. No final da noite, os convivas continuavam chegando e os assessores de Sarney previam o maior congestionamento jamais registrado na via presidencial.

Ultimamente entretido na redação de seu diário, o presidente José Sarney não conseguiu um único minuto para se dedicar a esse texto na superterça. Mas é certo que o período compreendido entre o momento da declamação dos versos de Medéia e o instante em que Abreu Sodré invadiu seu gabinete merecerá um capítulo à parte no livro. Será o relato de como pôde um Presidente da República passar da mais aguda tensão à mais completa euforia.



O número mágico de Sarney, 344, que lhe dá sorte, poderá servir de título a um capítulo do livro no qual registra o diário de suas impressões — relato de como um presidente pode passar da mais aguda tensão à mais completa euforia

das tendências detectadas do outro lado da Praça dos Três Poderes. Eram animadoras. Ao longo da manhã, previsões sobre o resultado da votação e especulações sobre o day after frequentaram todas as conversas de Sarney com governadores e ministros. A mais apimentada entre todas teve como interlocutor o ministro do Exército, general Leônidas Pires Gonçalves. Entre uma conversa e outra, Sarney manteve-se pendurado ao telefone.

Entre uma e outra conversas políticas, Sarney encontrou tempo também para trivialidades. Numa audiência concedida a dois deputados federais do Maranhão, por exemplo, o presidente estendeu-se em considerações sobre a poluição do lago Açú, o maior de seu Estado natal. Aparentemente, as informações colhidas nas reuniões de avaliação o haviam convencido de que o Brasil continuaria presidencialista — e de que ele próprio permaneceria no Planalto até março de 1990.

alguns relatórios sobre a crise no Panamá e sobre assuntos econômicos. De volta à superterça, telefonou para o deputado Ulysses Guimarães minutos antes do começo da votação. A conversa não teve testemunhas. Na hora do crepúsculo, enfim, José Sarney soube que triunfara. Então, uma noite que, de acordo com a agenda oficial, previa apenas um jantar no Alvorada com o governador do Paraná, Alvaro Dias, e sua mulher, foi invadida por dezenas de convivas decididos a engrossar a festa.

## Congestionamento

— Vamos com calma, nada de euforia — repetia Sarney, metido no termo de tropical azul listrado que costuma usar em dias decisivos, completado por uma gravata também azul, com bolinhas e finas riscas.

Ele próprio, porém, mal conti-

# Ulysses admite que pressões foram decisivas

## BRASÍLIA AGÊNCIA ESTADO

A grande movimentação do governo em favor do presidencialismo, assim como a ação dos governadores junto a suas bancadas, influenciou a decisão dos constituintes. Foi o que admitiu ontem o presidente da Constituinte, Ulysses Guimarães, às 15 horas, pouco antes de assumir a presidência da sessão mais aguardada e discutida das últimas semanas. Tranquilo, Ulysses disse estar bem disposto como todos os dias, "graças a Deus", e entrou no Plenário da Constituinte informando não ter condições de prever qualquer resultado. "Não arriscou nada", afirmou.

Durante toda a manhã de ontem, Ulysses Guimarães praticamente manteve apenas contatos telefônicos. Como de costume, o presidente da Constituinte, depois de receber as sinopses de todos os jornais às 7h25, partiu para uma caminhada na ciclovia — área pública que contorna as residências nas margens do lago Paranoá. De trajés de ginástica, acompanhado por seu fisioterapeuta e por um segurança, Ulysses caminhou somente por um quilômetro. Flagrado pelo fotógrafo da Agência Estado, o presidente da Constituinte voltou à sua residência bastante irritado, enviando através de seu segurança um recado: "Diga àquele fotógrafo que ele estragou meu passeio". Depois do café da manhã, reforçado por vitamina de frutas, iniciou seus contatos telefônicos.

## Visitas

O secretário da mesa da Constituinte, Paulo Afonso Martins, chegou à residência de Ulysses às 8h25 e somente deixou o local às 10 horas, dizendo que o presidente da Constituinte esperava que a votação transcorresse normalmente. Às 11h20 foi a vez do governador da Bahia, Waldir Pires, visitar Ulysses e, embora tenha sido convidado para almoçar, deixou a residência pouco antes das 12 horas. Segundo o governador, Ulysses já acreditava "que estavam definidos os ritmos das votações, sendo necessário encaminhá-las com normalidade". Waldir Pires também constatou o crescimento da tese presidencialista, embora tenha dito que ainda acreditava na aprovação do parlamentarismo com quatro anos de mandato para o presidente Sarney. O governador condenou a movimentação do Palácio do Planalto para aprovação do presidencialismo, voltando a dizer que "o parlamentarismo permitiria mais participação do povo nas decisões".

O deputado Nelson Jobim (PMDB-RS) e o assessor jurídico de Ulysses, Miguel Reale Júnior, levaram ao presidente da Constituinte, às 12h35, a tendência de ontem pela manhã no Congresso. "Os ímpetos presidencialistas cresceram muito com a ação do governo", disse o deputado. No encontro também foram discutidas possibilidades de medidas que Ulysses poderia tomar na sessão de ontem. Conforme Jobim, caso a emenda do senador Humberto

Lucena não viesse a conseguir os 280 votos favoráveis ou contrários, vários parlamentares iriam sugerir a votação da emenda parlamentarista do deputado Egdio Ferreira Lima, sem que fossem aguardadas as 24 horas para a segunda votação da emenda Lucena. Isso porque, segundo o deputado, argumentava-se que ambas as emendas são coletivas e têm preferências. "Embora o regimento permita as 24 horas para a segunda votação, não diz nada sobre o fato de existirem duas emendas com preferência", explicou Jobim. Mas o problema não gerou muita polêmica. Decidiu-se pelo regimento e pela concessão das 24 horas, se fosse necessário.

Ao contrário da expectativa, o presidente da Constituinte almoçou apenas com seus assessores e com sua esposa, dona Mora. Às 14h30, Ulysses saiu apressado, argumentando que tinha de ir "presidir uma sessão". Mesmo depois de chegar ao Congresso e de ser assediado por um número de jornalistas maior do que o normal, Ulysses falou pouco, evitando comentar a votação e as pressões existentes. Sobre a possibilidade de um buraco negro na matéria, ele apenas comentou: "Se isso acontecer, o relator terá de fazer um texto ou o mesmo deverá ser elaborado por maioria absoluta". Depois de assumir a presidência da mesa, Ulysses nem mesmo se manifestou diante da comemoração dos constituintes após a verificação de quórum para votação. Iniciou os encaminhamentos com a mesma expressão de neutralidade que geralmente o acompanha nas sessões.



Até a hora de votar, Ulysses não arriscou palpite. Na hora de votar, se absteve